

**INVENTÁRIO FLORÍSTICO DAS ÁREAS TESTEMUNHOS COM FINALIDADE  
DE OBTENÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE SUPRESSÃO DA VEGETAÇÃO (ASV)**

**PROJETO DE INTEGRAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO COM BACIAS  
HIDROGRÁFICAS DO NORDESTE SETENTRIONAL**

**ÁREA COMPLEMENTAR 02 – TRECHO II - LOTE 14**

## EXECUÇÃO

### Equipe Técnica

Carla Daniela de Sales Pessoa.

---

Bióloga MS. Carla Daniela de Sales Pessoa CTF-IBAMA 5045650; CRBio: 77450/05-D

**Responsável Técnica de Levantamentos Florísticos e Fitossociológicos nas áreas de  
Monitoramento de Fauna**

### Auxiliares de Campo.

Cícero Francisco dos Santos

Valdecir Azevedo Soto Junior

## RESUMO

Tendo como objetivo atender a solicitação da Coordenação dos Programas Ambientais do Projeto de Integração do rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional, conforme manifestado no Ofício nº. 43 CGPA/DPE/SIHM/MI, assim como acatando a Instrução Normativa IBAMA nº. 6, de 7 de abril de 2009, o presente levantamento florístico apresenta os dados finais do estudo realizado na jazida denominada Área Complementar 02 (AC-02), localizada no município de Mauriti, Ceará, integrante do eixo Norte, trecho II, lote 14, para obtenção de Autorização de Supressão da Vegetação (ASV). A região é caracterizada por uma vegetação pertencente ao bioma Caatinga, com representantes arbustivos e arbóreos de porte intermediário, apresentando cerca de 4 a 5 metros com indícios de extração de material lenhoso e pastoreio. A metodologia utilizada para o levantamento foi uma adaptação do método de caminhamento. Foi encontrado um total de 677 indivíduos lenhosos, pertencentes a 13 espécies, distribuídos em 5 famílias. As famílias com maior representatividade foram Fabaceae (7) e Euphorbiaceae (3). As espécies predominantes na área são *Croton sonderianus* Müell. Arg. e *Acacia glomerosa* Benth. A diversidade encontrada está abaixo dos valores levantados em ambientes de caatinga. Diversos fatores podem ser reflexos desse baixo índice, entre eles, o uso do solo, tais como a extração de material lenhoso e o pastoreio intensivo.

## 1. Introdução

O semiárido brasileiro ocupa cerca de 800.000 km<sup>2</sup> e notadamente possui uma vegetação e flora bastante diversificada. Acredita-se que essa diversificação é o resultado de uma série de condições as quais essa região está submetida, dentre elas, o clima, marcadamente sazonal, relevo, solo, altitudes e processos geológicos estabelecidos principalmente no Terciário e Quaternário (Andrade, 1982; Souza *et al.*, 1994).

Segundo Ab'Sáber (1996), o semiárido brasileiro é um raro exemplo de domínio morfoclimático intertropical seco, fazendo transições para faixas de climas sub-úmidos que envolvem a maior parte de seus quadrantes, a exemplo da zona da mata atlântica a Leste, floresta amazônica maranhense a Oeste e o cerrado brasileiro ao Sul. Por se tratar de uma região com características naturais complexas e altamente heterogêneas em relação à chuva, ao solo e à vegetação, a região semiárida representa um enorme desafio para o uso e o manejo do solo e da água (Melo-Filho; Souza, 2006).

Em relação à precipitação do semiárido brasileiro, a taxa de precipitação anual varia entre 300 e 1000 mm e uma elevada taxa de evapotranspiração potencial varia entre 1500 e 2000 mm anuais, o que indica um déficit hídrico total que oscila entre 500 e 1500 mm anuais, distribuídos ao longo do período de estiagem (SUDENE, 1982).

A vegetação que predomina nessa complexa região é a “caatinga”, nome dado pelos índios Tupi-Guarani para caracterizar a vegetação que perde as folhas na estação seca permanecendo apenas os troncos brancos na paisagem (Albuquerque; Bandeira, 1995).

Andrade-Lima (1966) sugere que a província<sup>1</sup> deva ser chamada de “caatingas”, no plural, uma vez que esta inclui várias fisionomias diferentes de vegetação.

Prado (2003) caracteriza as caatingas como florestas arbóreas e arbustos baixos muitos dos quais apresentam espinhos, microfilia e algumas características xerofíticas.

As fisionomias das caatingas são muito variáveis, dependendo do regime de chuvas e do tipo de solo, variando de florestas altas e secas com até 15-20 m de altura, e.g., a “caatinga arbórea”, fisionomias intermediárias que são mais numerosas e podem ser reduzidas a poucos tipos generalizados, tais como “caatinga arbórea aberta com camada arbustiva aberta”, “caatinga arbóreo-arbustiva com camada de arbusto fechada”, “caatinga arbustiva espinhosa fechada com árvores baixas espalhadas”, “caatinga arbustiva espinhosa fechada”, “caatinga

---

<sup>1</sup> São subdivisões de regiões nas quais o endemismo de gênero é menos relevante e consiste em um número reduzido de gêneros endêmicos monotípicos e oligotípicos, mas os quais endemismos de espécies são abundantes e particulares (Takhtajan, 1986).

arbustiva aberta”, savana arbustiva com camada de grama e “palmares de *Copernicia*” (Andrade-Lima, 1966; Eiten, 1983).

Dentre os grandes biomas brasileiros, o da Caatinga ainda é pouco conhecido botânica e ecologicamente (Bigarella *et al.*, 1975). Os mapas de vegetação atualmente disponíveis reconhecem, neste bioma, diversas tipologias destacando a Savana-estépica (Caatinga *strictu sensu*) por sua maior extensão, especialmente nas áreas da depressão sertaneja (IBGE, 1992).

Com toda a complexidade apresentada, torna-se fundamental o estudo da composição florística em áreas de caatinga, com o intuito de, em locais utilizados para exploração, reintroduzir espécies que representam a flora local.

## 2. Material e Métodos

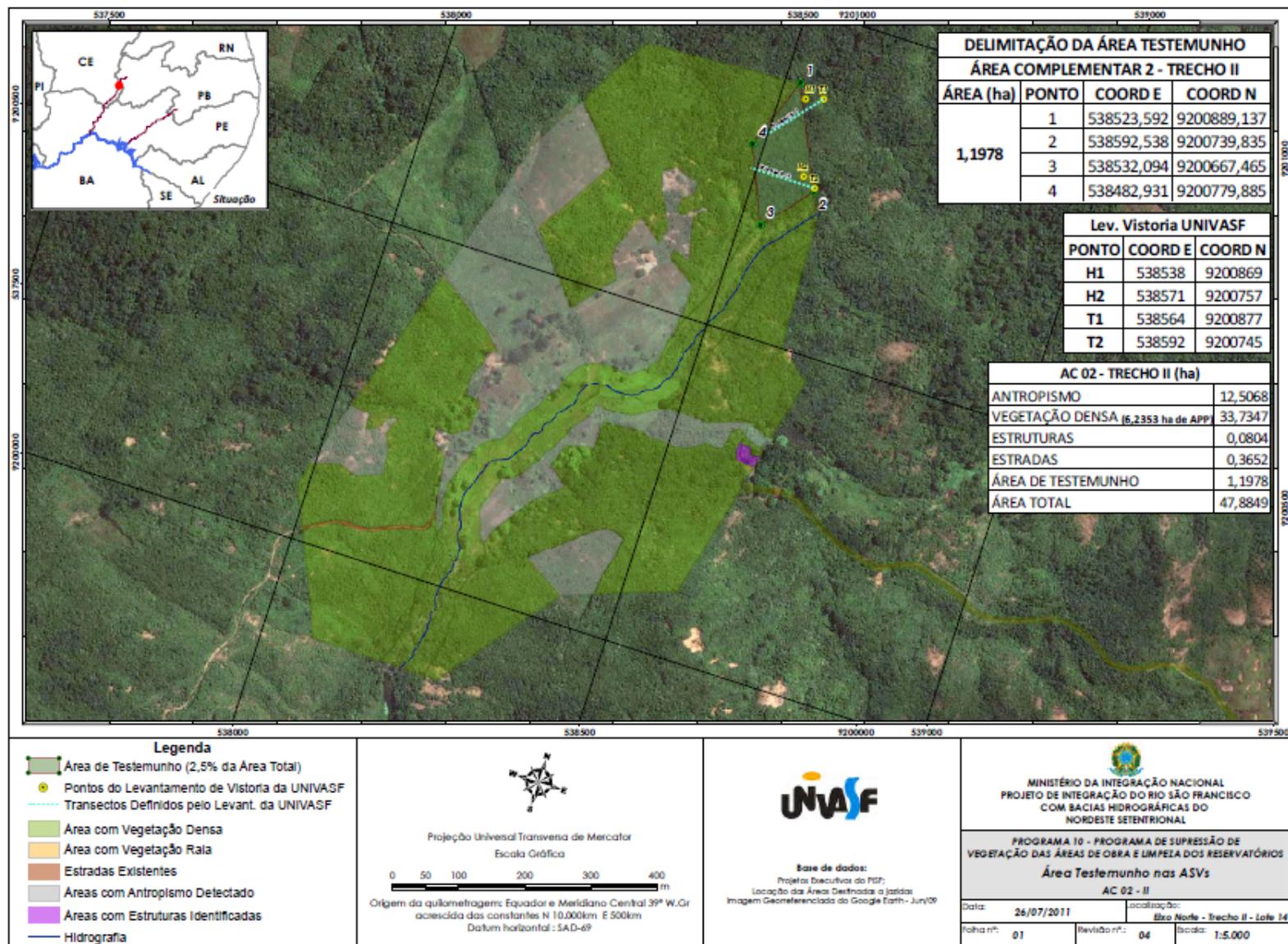
A área da jazida área complementar 02 está localizada no município de Mauriti, Ceará, no eixo norte do Projeto de Integração do rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional, trecho II, lote 14.

O município de Mauriti apresenta uma precipitação em torno de 872,3 mm, considerando o período chuvoso de fevereiro a abril. As temperaturas médias anuais giram em torno de 24°C a 26°C. Os tipos de solos encontrados são areias quartzosas distróficas, litólicos, podzólico vermelho amarelado e vertissolo (IPECE, 2009). A vegetação predominante é a floresta caducifólia e a floresta subcaducifólia tropical pluvial (IPECE, 2009). Em termos de recursos hídricos, o município é de certo modo privilegiado, pois é beneficiado pela bacia hidrográfica do Salgado (IPECE, 2009).

Com uma área testemunha de 1,19 ha, a vegetação se caracteriza por uma caatinga de porte intermediário, apresentando cerca de 4 a 5 m de altura, arbórea com elementos arbustivos densos. Possui uma área total de 47,88 ha, com 33,73 ha de vegetação densa.

A localização da jazida está sob as coordenadas 538481/9200786, 538525/ 9200875, 538590/ 9200738 e 538538/ 9200663 UTM, na zona 24 M, SAD 69, com 270 m de elevação (**Figura 1**).

A metodologia utilizada foi uma adaptação ao método de caminhamento (Filgueiras *et al.*, 1994), o qual considera os diferentes tipos de vegetação existente na área a ser amostrada. Este método recomenda que as caminhadas sejam retas, preocupando-se com a representatividade florística da amostra e coleta de material botânico com flores e frutos. Consiste em caminhadas sistemáticas em linhas retas com auxílio de bússola, anotando todas as espécies encontradas ao longo da caminhada e coletando o material que se apresentava reprodutivo (Filgueiras *et al.*, 1994).



**Figura 1** – Delimitação da área testemunha correspondente a área complementar 02 (AC 02) - Trecho II evidenciando os transectos percorridos e as parcelas de levantamento do componente herbáceo

A coleta dos dados em campo foi realizada no dia 5 de março de 2011. Para as espécies arbóreas e arbustivas foram realizadas duas caminhadas seguindo linhas retas (transectos, representados no mapa por linhas em azul) de 100 m, anotando todas as espécies e suas quantidades existentes no raio de visão, como apresentado na Figura 1.

Para as espécies herbáceas foram alocadas duas parcelas de 1m x 1m (Figura 1, representadas no mapa em amarelo) próximas aos transectos percorridos para levantamento das espécies arbóreas e arbustivas. Todas as ervas, apresentando ou não flor e/ou frutos, foram coletadas e identificadas no mínimo a nível de Família.

O material coletado com flor e/ou fruto será depositado no acervo do herbário EAC (Prisco Bezerra) da Universidade Federal do Ceará (UFC). A identificação foi realizada através de morfologia comparada, usando bibliografia especializada. Utilizou-se o sistema de classificação APG III.

Para estimar a diversidade florística foi utilizado o índice de diversidade de Shannon-Wiener ( $H'$ ) e Dominância de Simpson ( $D$ ), segundo descritos em Magurran (1988), Brower; Zarr (1984). Segundo estes autores, o índice de Simpson é um índice de dominância e reflete a probabilidade de dois indivíduos escolhidos ao acaso na comunidade pertencerem à mesma espécie. Varia de 0 a 1, e quanto mais alto for, maior a probabilidade de os indivíduos serem da mesma espécie, ou seja, maior a dominância e menor a diversidade. Apresenta a seguinte fórmula:

$$D = [ni*(ni-1) / N*(N-1)]$$

em que,  $ni$  é o número de indivíduos da espécie  $i$  e  $N$  é o número total de indivíduos.

O índice de Shannon mede o grau de incerteza em prever a que espécie pertencerá um indivíduo escolhido, ao acaso, de uma amostra com  $S$  espécies e  $N$  indivíduos. Quanto menor o valor do índice de Shannon, menor o grau de incerteza e, portanto, a diversidade da amostra é baixa. A diversidade tende a ser mais alta quanto maior o valor do índice, sendo calculado pela seguinte fórmula:

$$H'_{ni=1} = -\sum pi * Ln * (pi)$$

em que,  $Ln$  é o logaritmo neperiano;  $pi=ni/N$ ;  $ni$  é o número de indivíduos amostrados da espécie  $i$ ;  $N$  é o número total de indivíduos amostrados (Magurran, 1988, Brower; Zarr,1984). Os cálculos foram realizados com o auxílio do software Bio Dap.

### 3. Resultados e discussão

Foi encontrado um total de 677 indivíduos lenhosos, pertencentes a 13 espécies, distribuídos em 5 famílias. As famílias com maior representatividade foram Fabaceae (7) e Euphorbiaceae (3). As espécies que predominam na paisagem são *Croton sonderianus* Mull. Arg. (Euphorbiaceae) e *Acacia glomerosa* Benth. (Fabaceae), conforme mostra a tabela 1.

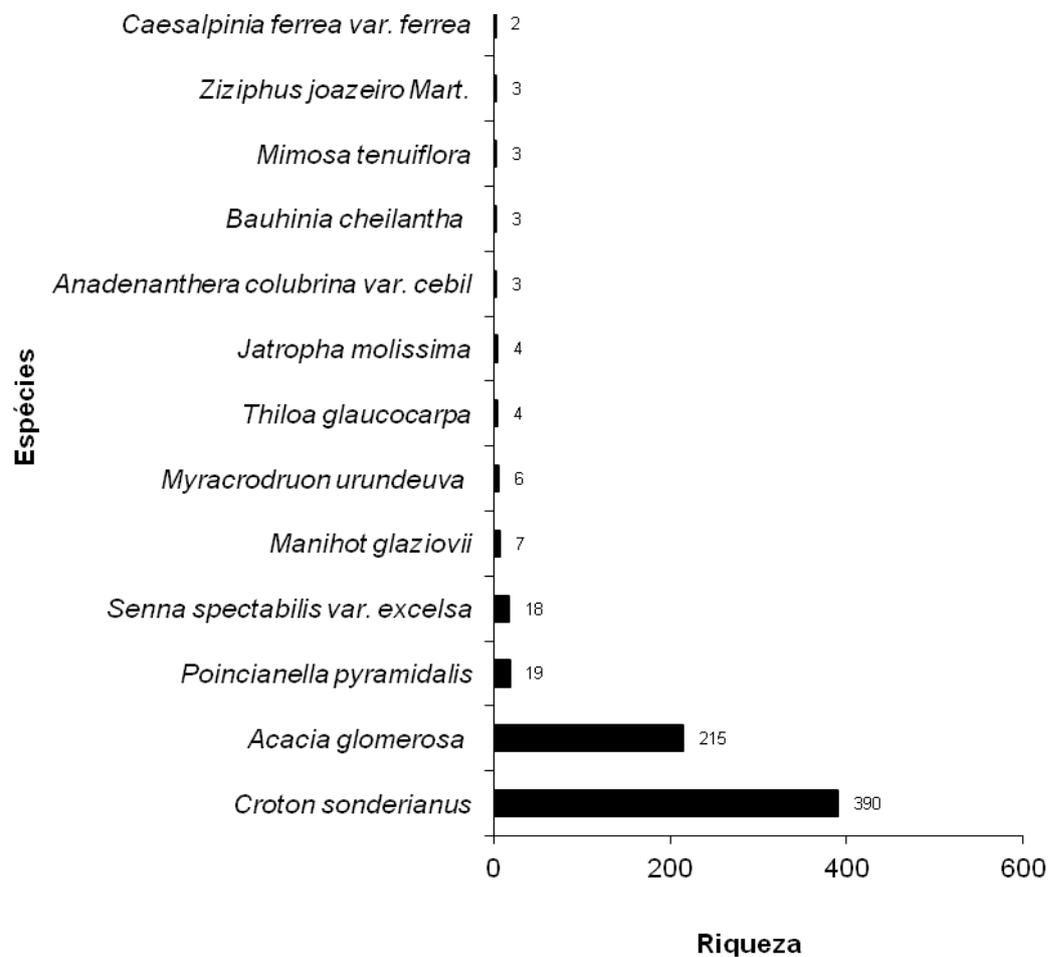
As espécies que apresentaram maior número de indivíduos foram *Croton sonderianus* Mull. Arg. e *Acacia glomerosa* Benth., com 390 e 215 indivíduos, respectivamente. Assim, segundo Filgueiras *et al* (1994), *Croton sonderianus* Mull. Arg. e *Acacia glomerosa* Benth., são consideradas espécies freqüentes. *Poincianella pyramidalis* (Tul.) L. P. Queiroz, *Senna spectabilis* (DC.) H.S.Irwin & Barneby var. *excelsa* (Scharad.) H.S.Irwin & Barneby, *Jatropha molissima* (Pohl) Baill., *Manihot glaziovii* Müll. Arg., *Myracrodruon urundeuva* Allemão, são consideradas ocasional, por contribuir com mais de 1% dos indivíduos totais da amostragem. As demais espécies são consideradas localmente raras, por contribuírem com menos de 1% do total de indivíduos amostrados (Filgueiras *et al.*, 1994), como mostrado na Figura 2. Em relação às espécies herbáceas, a família mais representativa foi a Poaceae.

O número de espécies obtidos nesse levantamento encontra-se acima dos dados apresentados por Camacho (2001), que levantou cerca de nove espécies, em Mossoró, Rio Grande do Norte e menor que os encontrados por Rodal (1992) e Araújo *et al.* (1995) nos levantamentos realizados em Custódia e Floresta, Pernambuco e Ferraz *et al.* (2003), em um levantamento realizado em Serra Talhada, Pernambuco, no qual encontraram cerca de 22 espécies. A diferença encontrada pode ser atribuída ao uso do solo, retirada seletiva de madeira, a relações climáticas ou a diferenças metodológicas.

**Tabela 1** - Lista florística das espécies encontradas em AC 02 - Trecho II - Município de Mauriti, CE, apresentados por ordem alfabética de família, seguido pelo gênero e espécies, hábito e nomes populares regionais.

Família	Espécie	Nome comum	Nº	Hábito
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	aroeira	6	ARV
Apocynaceae	<i>Skytanthus</i> sp.	-	-	TRE
Asteraceae	Sp1	-	-	ERV
Combretaceae	<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	cipaúba	4	ARV
Euphorbiaceae	<i>Croton sonderianus</i> Müell. Arg.	marmeleiro	390	ARB
Euphorbiaceae	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl) Baill.	pinhão-brabo	4	ARB
Euphorbiaceae	<i>Manihot glaziovii</i> Müll. Arg.	maniçoba	7	ARB
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Reis	angico brabo	3	ARV
Fabaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul. var. <i>ferrea</i> Mart. ex Tul	pau ferro	2	ARV
Fabaceae	<i>Acacia glomerosa</i> Benth.	espinheiro	215	ARV
Fabaceae	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	mororó	3	ARV
Fabaceae	<i>Mimosa tenuiflora</i> Willd.	jurema preta	3	ARV
Fabaceae	<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H.S.Irwin & Barneby var. <i>excelsa</i> (Scharad.) H.S.Irwin & Barneby	canafístula	18	ARV
Fabaceae	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L. P. Queiroz	catingueira	19	ARV
Lamiaceae	<i>Hyptis umbrosa</i> Salzm. ex Benth.	bamburral	-	ERV
Poaceae	<i>Aristida setifolia</i> Kunth	-	-	ERV
Poaceae	<i>Gymnopogon</i> sp.	-	-	ERV
Poaceae	<i>Paspalum plicatulum</i> Michx.	-	-	ERV
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	3	ARV

Árvore - ARV; Arbusto - ARB; Subarbusto - SUB; Erva - ERV, Trepadeira - TRE.



**Figura 2.** Indivíduos lenhosos encontrados na área testemunha da jazida área complementar 02 - Trecho II.

Os índices de riqueza, diversidade e equitabilidade encontrados foram, respectivamente, 0,43 e 1,14 nats/ind. e 0,45. A diversidade encontrada é inferior àqueles encontrados em outros trabalhos realizados em ecossistemas de caatinga, os quais variaram de 1,43 a 3,09 nats/ind, conforme apresentado na Tabela 2 (Alcoforado Filho *et al.*, 2003; Rodal, 1992; Andrade *et al.*, 2005; Araújo *et al.*, 2007).

Estes baixos valores podem ser atribuídos as condições climáticas, a solos, relevo, diferenças metodológicas ou a uso da terra, visto a presença notável de indícios de retirada de madeira.

**Tabela 2.** Comparação do índice de diversidade com outros levantamentos quantitativos realizados na caatinga

Autor	Município/UF	Índice de Shannon
Andrade <i>et al</i> (2005)	São João do Cariri, PB	1,51 e 1,43 nats/ind.
Alcoforado Filho <i>et al</i> (2003)	Caruaru, PE	3,09 nats/ind
Rodal (1992)	Floresta e Custódia, PE	2,54, 2,225, 1,91 e 1,99 nats/ind
Araújo <i>et al</i> (2007)	Areia, PB	2,37 nats/ind
Este trabalho	Mauriti, CE	1,14 nats/ind

## 4. Conclusões

Os dados levantados e as análises procedidas permitiram chegar às seguintes conclusões:

4.1 As famílias Fabaceae (263) e Euphorbiaceae (401) são as que apresentaram o maior número de indivíduos no local estudado.

4.2 As espécies *Croton sonderianus* Mull. Arg. e *Acacia glomerosa* Benth, em ordem decrescente, foram as que apresentaram os maiores números de indivíduos na comunidade.

4.3 A diversidade encontrada está abaixo dos valores encontrados em ambientes de caatinga. Diversos fatores podem ser reflexos desse baixo valor, entre eles o uso da área para retirada seletiva de madeira e criação de gado, além da dominância de duas espécies na comunidade.

Seguem, em anexo, os registros fotográficos.

## ANEXO I – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA ÁREA COMPLEMENTAR 2- TRECHO II, LOTE 14.



Entrada para área testemunha da jazida área complementar 02 - Trecho II,  
evidenciando área utilizada para pastoreio e desmate.



Perfil horizontal da comunidade na jazida área complementar 02- Trecho II, evidenciando os componentes arbóreos, arbustivos e herbáceos



*Croton sonderianus* Müell. Arg., na foto da esquerda e *Senna spectabilis* (DC.) H.S.Irwin & Barneby var. *excelsa* (Scharad.) H.S.Irwin & Barneby, na foto da direita.



*Senna spectabilis* (DC.) H.S.Irwin & Barneby var. *excelsa* (Scharad.) H.S.Irwin & Barneby,  
*Croton sonderianus* Müell. Arg. na foto da esquerda e *Ziziphus joazeiro* Mart. na foto da  
direita



Delimitação das parcelas para levantamento das espécies herbáceas. Com linha laranja evidenciando os limites da parcela de 1x1 m.

## 5. Referências

AB'SABER, A. Domínios morfoclimáticos e solos do Brasil. In: ALVAREZ, V.H.; FONTES, L.E.F.; FONTES, M.P.F.(Eds.). **O solo nos grandes domínios morfoclimáticos do Brasil e o desenvolvimento sustentado**. Viçosa, 1-18, 1996.

ALBUQUERQUE, S.G.; BANDEIRA, G.R.L. Effect of thinning and slashing on forage phytomass from a caatinga of Petrolina, Pernambuco, Brazil. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, **30**: 885 – 891, 1995.

ALCOFORADO FILHO, F. G.; SAMPAIO, E. V. S. B.; RODAL, M. J. N. Florística e fitossociologia de um remanescente de vegetação caducifólia espinhosa arbórea em Caruaru, Pernambuco. **Acta Botânica Brasileira**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 287-303, 2003.

ANDRADE. L. A.; PEREIRA, I. M.; LEITE, U. T.; BARBOSA, M. R. V. Análise de cobertura de duas fitofisionomias de caatinga, com diferentes históricos de uso, no município de São João do Cariri, estado da Paraíba. **Cerne**, Lavras, v. 11, n. 3, p. 253-262, 2005.

ANDRADE, M.C. Área de domínio da pecuária extensiva e semi-intensiva na Bahia e norte de Minas Gerais. Recife : SUDENE, 497p. (Brasil. SUDENE. Estudos Regionais, 7), 1982.

ANDRADE-LIMA, D. Vegetação. In: IBGE. **Atlas Nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, p.512., 1966.

APG III - Angiosperm Phylogeny Group. BREMER, B., BREMER, K., CHASE, M.W., FAY, M.F., REVEAL, J.L., SOLTIS, D.E., SOLTIS, P.S.; STEVENS, P.F. (comp.)]. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society of London**, v. 161, 105–121p., 2009.

ARAÚJO, E.L.; CASTRO, C.C.; ALBUQUERQUE, U.P. Dynamics of Brazilian Caatinga - A Review Concerning the Plants, Environment and People. **Functional Ecosystems and Communities**, v. 1, 15-28 p., 2007.

ARAÚJO, E. L.; SAMPAIO, E. V. S. B.; RODAL, M. J. N. Composição florística e fitossociológica de três áreas de caatinga de Pernambuco. **Revista Brasileira de Biologia**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, p. 595-607, 1995.

BIGARELLA, J.J.; ANDRADE-LIMA, D.; RIEHS, P.J. Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais no Brasil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências** 47: 411-464 (suplemento), 1975.

BROWER, J. E.; ZAR, J. H. **Field and laboratory methods for general ecology**. Dubuque: W. M. C. Brow, 226 p., 1984.

CAMACHO, R.G.V. Estudo fitofisiográfico da caatinga do Seridó-Estação Ecológica do Seridó, RN. (Tese) – Universidade de Sao Paulo, 130p., 2001.

EITEN, G. Classificação da vegetação do Brasil. Coordenação editorial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, 1983.

FERRAZ, E.M.N., RODAL, M.J.N.; SAMPAIO, E.V.S.B. Physiognomy and structure of vegetation along an altitudinal gradient in the semi-arid region of Northeastern Brazil. **Phytocoenologia**, v. 33, 71-92 p., 2003.

FILGUEIRAS, T.S.; NOGUEIRA, P.E.; BROCHADO, A.L.; GUALA II, G.F. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cadernos de Geociências**, v. 12, 39-43 p., 1994.

FONSECA, M. R. da. **Análise da vegetação arbustivoarbórea da caatinga hiperxerófila do Nordeste do Estado de Sergipe**. 187 f. Tese (Doutorado em Ecologia) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro, 92 p. (Série manuais técnicos em geociências, 1), 1992.

IPECE. Disponível em: < [www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)>. Acesso em: 14 de abril de 2011.

MAGURRAN, A. E. **Ecological diversity and its measurement**. New Jersey: Princeton University, 1988.

MELO-FILHO, J.F.; SOUZA, A.L.V. O manejo e a conservação do solo no semi-árido baiano: Desafios para a sustentabilidade. **Bahia Agrícola**, v. 7, n.3, 2006.

PRADO, D.E. As caatingas da América do Sul. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Eds.) **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE. p.3-74, 2003.

RODAL, M. J. N. **Fitossociologia da vegetação arbustivo arbórea em quatro áreas de caatinga em Pernambuco**. 1992. 198 f. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

SANTOS, M. F. A. V.; GUERRA, T. N. F.; SOTERO, M. C.; SANTOS, J. I. N. Diversidade e densidade de espécies vegetais da caatinga com diferentes graus de degradação no município de Floresta, Pernambuco, Brasil. **Rodriguésia**, v. 60 (2), 389 - 402 p., 2009.

SOUZA, M.J.N., MARTINS, M.L.R., SOARES, Z.M.L., FREITAS FILHO, M.R., ALMEIDA, M.A.G., PINHEIRO, F.S.A., SAMPAIO, M.A.B., CARVALHO, G.M.B.S., SOARES, A.M.L., GOMES, E.C.B. & SILVA, R.A. Redimensionamento da região semi-árida do Nordeste do Brasil. *In*: Conferência Nacional e Seminário Latino- Americano de Desertificação. Fundação Esquel do Brasil, Fortaleza, pp. 1-24, 1994.

TAKHTAJAN, A. **Floristic regions of the world**. University of California. Berkeley. USA. 522 pp., 1986.

VASCONCELOS SOBRINHO, J. **Processos de Desertificação ocorrentes no Nordeste do Brasil: sua gênese e sua contenção**. Recife, SEMA/SUDENE, 101p., 1982.